

TEMPLO CLÁSSICO DE ATENA / TEMPLO CRISTÃO DE MARIA: REALIDADES PSÍQUICAS REVELADAS

CLASSICAL TEMPLE OF ATHENA / CHRISTIAN TEMPLE OF MARY: REVEALED PSYCHIC REALITIES

Luciano Coutinho¹

RESUMO

Muitos templos clássicos dedicados a Atena foram, nos primeiros séculos da Idade Média, adaptados e transformados em templos cristãos dedicados a Maria. Para tanto, o peristilo do templo clássico é fechado, e o templo perde sua abertura para a realidade externa. O templo pagão adaptado ao cristianismo torna-se essencialmente um espaço de convivência, e os fiéis passam a praticar seus cultos na parte interior do templo. A realidade externa ao templo é condenada a um tipo de não-realidade, e apenas a realidade interna, sustentada pela estética cristã, é fundamentada como única realidade possível para a purificação do fiel. Nesta realidade estética, a amamentação de Maria ao menino Jesus torna-se modelo de nutrição da alma para a preparação do fiel em sua vida no espaço de não-realidade, e também para o merecimento para a eternidade da alma.

Palavras-chave: Templo Clássico; Peristilo; Templo Cristão; Realidade e Não-Realidade.

ABSTRACT

In the first centuries of the Middle Age many classical temples dedicated to Athena were adapted and transformed into Christian temples dedicated to Mary. For this purpose, the peristyle of the classical temple is closed and the temple loses its openness to the external reality. The pagan temple adapted to Christianity essentially becomes a living space where the faithful practice their rituals inside the temple. The reality outside the temple is condemned to be a kind of non-reality, and it is only the internal reality, supported by Christian aesthetic, that is substantiated as the only possible reality for the purification of the faithful. In this aesthetic reality, the nursing of baby Jesus by Maria becomes a model of nutrition of the soul for the preparation in the life of the faithful and in the space of his non-reality, and also for the worthiness for the eternity of the soul.

Keywords: Classical Temple; Peristyle; Christian Temple; Reality and Non-Reality.

ALGUMAS RELAÇÕES ENTRE TEMPLOS DEDICADOS A ATENA E A MARIA

Recentemente, publiquei um artigo, na *Revista de Estética e Semiótica* desta mesma faculdade, intitulado “O fechamento do peristilo do templo clássico de Atena e sua reutilização como templo cristão dedicado a Maria”. O título pretendeu evidenciar como muitos templos pagãos do período clássico dedicados a deusa grega Atena foram adaptados para cultos cristãos no início da Idade Média.

Pretendo, neste artigo, além de aprofundar essa questão, analisar algumas importantes perspectivas de alteração da realidade psíquica, em função dessa alteração ritual que se dá pelo fechamento do peristilo do templo pagão para sua utilização como templo cristão.

A adaptação principal – do modelo pagão para o cristão – foi marcada pelo fechamento do peristilo² do templo clássico e da abertura às vezes total às vezes parcial de sua cela³.

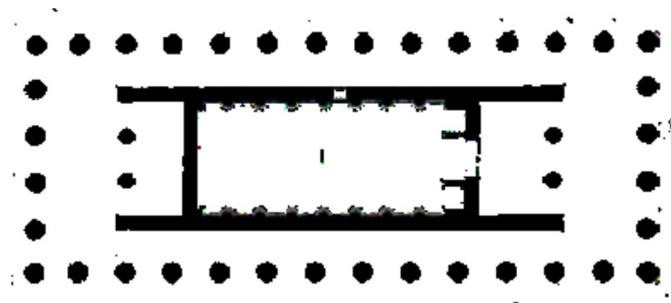
O resultado prático e funcional dessa adaptação é possibilitar a interiorização da prática ritual, em uma comunhão que se dá entre sacerdotes, ídolos e fiéis em geral.⁴

¹Doutor em Estudos Clássicos / Filosofia Antiga pela Universidade de Coimbra, UC – Portugal. Mestre em Filosofia Antiga pela Universidade de Brasília, UnB – Brasil. Mestre em Arquitetura e Urbanismo (Estética e Semiótica) pela Universidade de Brasília, UnB – Brasil. Na altura desta Conferência, era Professor de Filosofia Antiga contratado pelo Departamento de Filosofia na Universidade de Brasília. Atualmente faz Pós-Doutorado na Universidade Federal de Uberlândia, UFU – Brasil com bolsa CAPES / Procad.

²Conforme se observa na figura, o peristilo é o conjunto de pilares externos que delimitam o templo.

³Conforme se observa na figura anterior, a cela é a parte murada no interior do templo, cercada pelo peristilo.

⁴Alguns cultos internos já eram praticados em templos pagãos, mas apenas pelos sacerdotes. Na cultura judaica é possível perceber também a noção de culto no interior do templo, mas ainda em sentido restrito como a assembleia de Salomão, conforme se observa no Antigo Testamento (I Reis 8-22).





MAS QUAIS CONSEQUÊNCIAS PSICOLÓGICAS ESTÃO POR TRÁS DESTA ADAPTAÇÃO?

No templo clássico, a abertura do peristilo posicionados fiéis numa assumida tensão entre razão e forças instintivas. A realidade do templo não nega a realidade externa a ele, ao contrário representa-a de modo bastante verosímil, pois a realidade do templo cria uma tensão entre a abertura para a natureza, com o peristilo, e a obscuridade interior, pela cela. Essa estética, portanto, fundamenta uma psicologia que busca conciliar o humano diante de sua natureza racional e de sua natureza instintiva.

1.1 - Assim, o templo clássico é um resultado estético que sustenta o convívio prático da racionalização com os sentimentos mais profundos da natureza humana. A consideração de Kostof (1996)⁵ ao ritual pagão diante do templo clássico chama atenção para o fato de que o trato com a divindade teria lugar ao ar livre, e isso se daria pelo fato de a divindade estar dentro da cela e os fiéis fora dela.

1.2 - É com o peristilo que o templo clássico explicita sua intenção de equilíbrio entre razão e forças instintivas, tornando a experiência ritual uma tentativa de conciliação da realidade empírica, sensorial e vívida com a racionalização de tais experiências. Isso ocorre na medida em que o peristilo marca a abertura para o externo diante de um segmento mais interior que se fecha, a cela. O templo, nesse sentido, seria uma representação do próprio humano, que, ao mesmo tempo em que busca a razão, é repleto de uma instintividade interior inegável e natural.

1.3 - Nietzsche caracteriza o espírito grego como um misto entre o dionísio “o embevecido dizer-sim ao caráter global da vida” e o apolíneo “o ímpeto ao perfeito ser-para-si, ao típico indivíduo, a tudo o que simplifica” (NIETZSCHE 2005:§1050). O misto entre fechamento e abertura do espaço sacro clássico

demonstra a tentativa de conciliação entre a tensão do racional e do da inquietação do estado instintivo.

1.4 - Na acrópole de Atenas, o Parthenon⁶ é um bom exemplo de templo dedicado a deusa Atena. Além das características anteriormente mencionadas típicas em um templo clássico, presentifica-se, nele, a simbologia da inteligência e do espírito de guerra. Grimal nos lembra que a ajuda que Atena dá a Ulisses e a Hércules torna-a símbolo de deusa da razão, e sua capacidade inteligente de articulação leva-a a ser associada à filosofia, mais que à poesia e à música (GRIMAL 2005: 53). Ainda Grimal chama atenção, por outro lado, ao fato de que seu espírito de guerreira está nela de modo natural, uma vez que ela já teria nascido “completamente armada” (GRIMAL 2005: 53).



(Parthenon, acrópole de Atenas, Grécia)

1.5 - Péricles deu início ao projeto dos arquitetos Calícrates e Ictinos, com a supervisão de Fídias – que também fez as esculturas do templo–, entre 447a.C. e 433a.C.. O templo foi dedicado à deusa Atena, já que Atenas era uma cidade que buscava lutar pelo princípio da inteligência.

1.6 - Significa “sala de mulher solteira”, o Parthenon seria um equivalente ao templo da virgem. Em outras palavras, além de símbolo de inteligência e de guerra, Atena era também símbolo da pureza e da virgindade. A imagem da virgindade de Atena na mitologia é bastante forte e vale verificar o que diz Grimal:

⁵Cf. página 226.

⁶παρθενών.

Atena permaneceu virgem, conta-se, todavia, que teve um filho, do seguinte modo: ela fora visitar Hefesto à sua forja, a fim de se prover de armas. O deus, abandonado por Afrodite, apaixonou-se por Atena, logo que a viu, e começou a persegui-la. Ela fugiu. Ainda que coxo, Hefesto logrou alcançá-la e tomou-a em seus braços, mas ela não cedeu. Todavia, no seu desejo, Hefesto molhou a perna da deusa. Enojada, a deusa limpou-se com lã e lançou à terra a sujidade. Foi da terra assim fecundada que nasceu Ericciónio, que a deusa considera como seu filho (GRIMAL 2005: 53-54).

1.7 - Apesar da fama de ser o templo dórico mais “refinado” (KIDSON 2000: 56-65) e de ter uma relativa suavidade não encontrada em outros templos dóricos de sua época, a firmeza atribuída por Vitruvius (Livro IV, Cap. I, 8) ao templo dórico se faz presente em sua estética. Assim, a deusa da inteligência oferece ao espaço sacro a simbologia de sua pureza e virgindade, e também de seus instintos mais ferozes de guerra, mas sempre associado à sua inteligência, numa tensa união entre ambas as simbologias.

No templo cristão, o fechamento do peristilo indica mais que uma adaptação para a interiorização do culto. Indica antes a fundamentação de uma realidade distinta da vida empírica no espaço exterior ao templo. A realidade interna apresenta mais elevada, como única realidade, e a realidade externa passa a ser um tipo de não-realidade. Assim, a realidade interna seria um modelo verossímil para o caminho da purificação, enquanto a externa é assumida como corrupta e corruptível.

2.1 - Atena teria oferecido ao cristianismo dos primeiros séculos uma simbologia repleta de significação para a mãe do menino Jesus. Afinal, ambas representam pureza e virgindade, além é claro da inteligência e da força, que, em Maria, traduz-se na imagem mulher guiada e protegida pelos anjos e pelo próprio deus YHWH. Assim, a escolha dos templos dedicados à deusa Atena para serem adaptados a templos dedicados à Maria pelos cristãos não é coincidência.

2.2 - A contenda entre Nestório de Constantinopla e Cirilo de Alexandria, no Concílio de Éfeso, em 431d.C., definira de maneira fundamental as bases do cristianismo. O primeiro defendia que Cristo tinha duas naturezas (uma humana e outra divina) e, por isso, Maria não seria mãe de Deus, mas do homem; o segundo defendia Maria como mãe de Deus. A conciliação deu-se com a decisão da natureza de Maria como mãe de Deus e não apenas mãe do humano Jesus. A vitória de Cirilo passa a influenciar toda forma religiosa posterior, sobretudo na transformação de templos

pagãos dedicados a deusa Atena em templos cristãos dedicados a Maria.⁷

2.3 - A simbologia de Atenaé, nesse sentido, miticamente transmigrada à Maria, com adaptações, é claro, dentre elas o fato de ser mãe: mãe que protege, que amamenta e nutre, com seus seios, o menino Jesus. Este se torna a própria imagem do menino nutrido, forte, que está apto a enfrentar os males da vida externa ao templo: “Maria, Mãe de Deus, por quem veio ao mundo o vencedor da morte e o destruidor do inferno!”; cf. (GOMES 1979). Em nível psicológico, a adaptação toca alguns pontos fundamentais da crença cristã. Significando mãe nutritiva, Maria nutre o corpo para potencializar a alma, para prepará-la para as corrupções da vida mundana. Ampliando tal simbologia ao *status* de mãe de todos, Maria representa no cristianismo dos primeiros séculos a nutrição necessária para que seus filhos enfrentem as dificuldades da não-realidade do espaço externo ao templo cristão. O espaço sacro fechado em totalidade assume, alegoricamente, a analogia da realidade elevada, em que o fiel pode buscar força, inteligência e purificação espirituais.



(Catedral de Siracusa, Sicília, Itália – peristilo murado)

⁷Cf. o discurso de Cirilo: “Salve, ó Maria, Mãe de Deus, virgem e mãe, estrela e vaso de eleição! Salve, Maria, virgem, mãe e serva: virgem, na verdade, por virtude daquele que nasceu de ti; mãe por virtude daquele que cobriste com panos e nutriste em teu seio (...) Salve, Maria, morada da infinitude, que encerraste em teu seio o Deus infinito, o Verbo unigênito, produzindo sem arado e sem semente a espiga incorruptível! Salve, Maria, mãe de Deus” (GOMES 1979).

2.4 - Um exemplo fascinante de transformação de templo pagão em templo cristão é a atual Catedral de Siracusa, na Sicília – Itália. As pilastras, até hoje bastante conservadas, evidenciam o fechamento do peristilo do templo clássico e também da abertura em portais de sua cela.



(Catedral de Siracusa, Sicília, Itália – cela aberta em portais)



(Catedral de Siracusa, Sicília, Itália – cela aberta em portais)

2.5 - Executada no século V a.C., o templo dedicado a Atena foi construído na parte mais elevada da ilha de Ortigia. A estrutura dórica da atual Catedral de Siracusa foi adaptada e dedicada à natividade de Maria no século VI d.C.: “dedicata alla natività di Maria, sorge su sito del preesistente tempio di Atena, di cui

conserva numerosi elementi. Alla fine del VI secolo d.C. il grandioso edificio greco fu trasformato in basilica cristiana e alla metà del secolo successivo accolse la cattedrale” (CONVERSO s/d: 18). Com o peristilo fechado, o espaço interno, em nível simbólico com efeitos psicológicos, passaria a simbolizar a realidade, enquanto a realidade externa passaria a simbolizar uma não-realidade. Agostinho (2004: 63-65) no século IV d.C. tinha estabelecido para os dogmas do cristianismo uma bipartição do mundo, em que a realidade última seria aquela ligada às coisas de Deus YHWH, e a vida corruptível da carne seria um tipo de não-realidade.

2.6 - Um outro exemplo muito importante de adaptação de um templo de Atena em templo cristão é a Igreja Santa Maria dos Gregos. Nas *Histórias*, de Políbio, esta igreja é mencionada como um templo dedicado a Atena e a Zeus: “No topo fica o templo de Atena e de Zeus Atabyrius” (ἐπὶ δὲ τῆς κορυφῆς Ἀθηνᾶς ἱερὸν ἔκτισται καὶ Διὸς Ἀταβυρίου) (Plb. Hist. 9, 27, 7, 1-2).



(Igreja S. Maria dei Greci, Agrigento, Itália – peristilo dórico murado)

2.7 - Pelo nome da Igreja, depois de sua adaptação cristã, é notória a confluência cultural entre simbologia pagã e simbologia cristã: Maria, mãe de Deus, assume um templo de Atena e torna-se ela própria mãe dos gregos também. A Igreja de Santa Maria dos gregos teve sua base na fundação do templo de Atena, construído mais ou menos em 480 a.C.. foi catedral greco-ortodoxa no período bizantino e tornou-se catedral católica no século XII. Nas paredes, foram conservados alguns afrescos com temas de Maria a amamentar o menino Jesus.



(Igreja S. Maria dei Greci, Agrigento, Itália – Maria amamentando Jesus)



(Foto com coloração acentuada artificialmente)

2.8 - Cultuada pelos anjos, Maria representa a celebração da vida e da nutrição do menino Deus em sua forma humana, na terra, como quem o prepara para as intempéries da vida terrena. Assim como Atena representa a batalha racional e inteligente contra as intempéries da natureza. No entanto, enquanto Atena representa a conciliação do humano com as intempéries da natureza, a nutrição de Maria representa o litígio do humano com a não-realidade externa ao templo. Sua amamentação é símbolo

da preparação do menino Deus para enfrentar os males da vida física da não-realidade. Afinal, esta, presente na parte externa ao templo, é distanciada das verdades divinas, sustentadas na parte interior do templo. Maria é, nesse sentido, símbolo da nutrição da alma, uma vez que nutre o menino Deus para cumprir seus desígnios sacrificiais.

2.9 - A imagem do leite que amamenta o menino no templo pretende abranger, de tal maneira, os fiéis. Assim como o menino Jesus, os fiéis deveriam nutrir-se com esta mesma realidade, para enfrentar a experiência humana na não-realidade fora do templo. Ou seja, o fiel, tanto quanto o menino Jesus, é homem, por um lado, e experiencia os males da não-realidade externa ao templo. E também, assim como o menino Deus, deve se preparar para o sofrimento e para a morte na não-realidade, alcançando, semelhante ao menino Deus, a vida eterna real com sua parte divina, a alma. O espaço fechado, nesse sentido, torna o discurso interno o único modelo possível de realidade para a alma, enquanto a não-realidade externa baseia-se na carnalidade. Com isso, o templo passa a ser um tipo de nave de nutrição e purificação para o merecimento desta realidade superior, e o fiel passa a assumir, nessa perspectiva, similaridade com o menino Jesus. Por isso a realidade interna é o modelo que o fiel precisa seguir para suportar o sacrifício da não-realidade e da não-existência na realidade externa ao templo.

PRINCÍPIOS PSICOLÓGICOS DAS REALIDADES PROPICIADAS PELO TEMPLO

A proposta para a transformação do templo clássico em templo cristão perpassa pela ideia de fazer o fiel ter como modelo de vida a realidade estética apresentada no interior do templo, e, com isso, vivenciar um tipo de relativo afastamento do modelo de vida típico da realidade externa a ele, mas não o abandono da vida terrestre propriamente. O templo – agora cristão – fundamenta uma realidade elevada, em detrimento da não-realidade e da não-existência da parte externa ao templo. Mas não no sentido que Nietzsche atribui à distinção entre espírito pagão e espírito cristão na sua obra *Sobre o nihilismo e o eterno retorno*: “O deus na cruz é uma maldição sobre a vida, um dedo apontando para redimir-se dela; o Dionísio cortado em pedaços é uma promessa de vida: eternamente renascerá e voltará da destruição” (NIETZSCHE 2005:§1052). A naturalização de Maria amamentando o menino Jesus é prova de que a simbologia está voltada para a nutrição do humano, por um lado, para sua vitória divina, por outro, considerando seus desígnios na terra.

O que Nietzsche observa são os desígnios pós-morte do deus crucificado. Nietzsche tem alguns motivos razoáveis para declarar isso, mas não seria cabível nessas circunstâncias de um cristianismo mais voltado para a nutrição de Maria ao deus menino.

Mas é certo que esta transformação arquitetônica indica a separação dicotômica entre realidade interna e não-realidade externa, além de um tipo de sustentação de uma vida psíquica fundamentada por uma realidade elevada, proposta pela estética apresentada no interior do templo.

Enquanto o templo clássico se caracteriza pela abertura do peristilo à realidade externa – indicando uma psicologia humana voltada para a tentativa de conciliação entre razão e instinto, e por consequência entre homem e realidade externa ao templo, ou ainda se preferirmos, entre homem e natureza, mesmo que pela tentativa de predominância da razão harmonizadora –, o seu fechamento, na adaptação cristã, indica um litígio entre o homem e a realidade externa, entre o homem e a natureza, mesmo que este não tenha de se abdicar da vida propriamente, mas de sua não-realidade apenas, sendo vivendo e vivente nela. É diante deste litígio que é possível perceber uma psicologia humana baseada na ideia de que a alma deve se reconciliar com instâncias metafísicas, segundo um modelo existencial apresentado no interior do templo.

Essa visão de bipartição da realidade presente nas bases iniciais do cristianismo é enraizada por Agostinho, que, a partir da noção criacionista, sustenta que a alma, “sob a ação da carne”, distancia-se do bem puro (Agostinho, 2004: 63-65), ou melhor, das coisas metafísicas. É nesse sentido que a realidade apresentada no interior dos templos passa a ser o modelo verossímil de existência, porque aproxima a alma do fiel às verdades metafísicas, à sua verdadeira origem.

Com o fechamento do peristilo, o templo cria um efeito bastante sintomático na *psyche* do fiel: a realidade externa passa a ser sentida como um tipo de não-realidade. A *psyche* do fiel deseja expurgar os elementos viventes dessa não-realidade que habitam seu sentimento instintivo interior. A vida presente na não-realidade externa torna-se, portanto, um tipo de caminho de impossibilidades para a purificação de sua alma. A realidade interna, por outro lado, torna-se o que seria o caminho e o exemplo para tal purificação.

A vida humana natural tornar-se-ia sua própria falência, segundo essa perspectiva interior, diante de sentimentos como o desejo – agora entendido como uma não-realidade obscura. A impotência humana contra essas forças instintivas encontraria rival no espaço interno do templo. Neste espaço, o (re)conciliação

da alma com *YHWH* estaria garantida, pelo paradigma nutricional de Maria ao menino Jesus.

A tragédia da vida humana, nesse contexto, é deslocada para o fato de o homem ter o livre arbítrio e ter de buscar a vida segundo o paradigma apresentado no interior do templo. O dualismo entre corpo e alma estaria fundamentado, e aquele que quer fazer sua alma retornar ao mundo metafísico, deve abdicar-se dos sentimentos que afastariam o indivíduo do fim metafísico da alma, em outras palavras, dos sentimentos carnis. Se é a alma que vai para o paraíso, é com ela que se deve sentir prazer. Dito de outra maneira, o homem deveria limitar-se ao modelo de vida presente no interior do templo, em prol de uma vida ilimitada, eterna e incorruptível, conforme representa o próprio menino Deus.

A problemática que aqui se levanta, de fato, está ligada ao molde psíquico a partir de uma estética que prega uma dicotomia entre realidade interna e não-realidade externa, que representa respectivamente o caminho verdadeiro e falso caminho. Embora o cristianismo católico tenha feito uma revisão dessa tradição, desde os preceitos de Tomás de Aquino, a psicologia em torno desta dicotomia, assim como suas consequências, são perceptíveis ainda hoje.

Com exceção de alguns obstinados monges ou freiras ou padres, a população leiga não podia abdicar-se simples e profundamente da não-realidade externa. A população comum vivenciava a realidade externa cotidianamente e, nela, buscava manter sua sobrevivência. Não é tarefa fácil, afinal, conciliar a vida presente e os sentimentos próprios da alegada não-realidade, nos inícios da Idade Média, a partir da realidade paradigmática no interior do templo cristão. De tal maneira, os desejos carnis passaram a ser parte da vitória do fiel que os conseguisse domar. Ser homem, na Idade Média, e conduzir a alma aos padrões elevados da realidade interna era o pilar psicológico transmitido e desejado pela estética interior do templo.

O estético, nesse contexto, é sustentado pelo exemplo de Jesus, que, sendo homem e deus, teria passado pelas maiores tormentas da carne, sem deixar que sua divindade se entregasse profundamente à não-realidade.

O fiel, nesse sentido, deve desejar ser como Jesus. O fiel sofre as misérias de sua vida na realidade externa, mas deseja, psicologicamente, viver conforme o exemplo maior: Jesus. O fechamento do peristilo do templo pagão clássico oferece ao fiel, em sentimento ritual interno, um paralelo com a própria história do menino Deus que, amamentado por Maria, é nutrido e assume força e inteligência para enfrentar os sacrifícios da vida na não-realidade externa ao templo.

Nesse viés, tornou-se fundamental a migração do ritual para um ambiente que se separa da não-realidade. Esta não-realidade, no entanto, tem papel importante no processo, já que ela não é propriamente uma condenação ao homem, mas antes um tipo de provação para a alma. E a partir desta provação que o fiel busca merecer a vida eterna, livre das tormentas presentes na não-realidade.

Diferentemente de outras estruturas arquitetônicas sacras que apresentaram como medida psicológica a conciliação da razão humana com seus sentimentos mais profundos –como o próprio templo pagão clássico antes da adaptação cristã –, o espaço cristão adaptado assume a concepção de fechamento e de reclusão da vida psíquica do fiel aos moldes estéticos apresentados no interior do espaço sacro, e sua (re)conciliação com as instâncias alegadamente verdadeiras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes Primárias

AGOSTINHO. *Confissões*. Trad. J. Oliveira Santos & A. Ambrósio de Pina. Nova Cultural, São Paulo 2004.

POLYBIUS. *Historiae*. Theodorus Büttner-Wobst after L. Dindorf. Teubner, Leipzig, 1893. (on Perseus digital library).

VITRUVIO, Polión. *Loz diez libros de arquitectura*. Trad. José Ortiz y Sanz. Akal, Madrid, 1987.

Fontes secundárias

ALFONSO MARIA de Luguori. *Méditations*; In *Oeuvres Complètes*, vol. 3, Paris: Parrent-Desbarres Éditeur, 1835.

CONVERSO, Claudia (s/d). *Siracusa – città d'arte e istoria antica*. Siracusa: Kina Italia.

COUTINHO, Luciano. *Arquitetura Mítica*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, 2010, 270p.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. Trad. Victor Jabouille, 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

GOMES, Folch F. *Antologia dos Santos Padres*. São Paulo: Ed Paulinas, 1979.

KIDSON, Peter. Greece; In *Great Architecture of the World*, (ed. NORWICH, John Julius). London: Da Capo Press, 2000.

KOSTOF, Sapiro. *História de la arquitetura 1*. Trad. Maria Dolores Jiménez & Blanco Carrillo de Albornoz. Madrid: Alianza, 1996.

NIETZSCHE, Friedrich. *Sobre o niilismo e o eterno retorno*. São Paulo: Nova Cultural, 2005.

_____. *Crepúsculo dos ídolos*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

